

O Teosofista

Ano XIV - Número 165 - Edição de Fevereiro de 2021

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - Facebook: [SerAtento](#) e [FilosofiaEsoterica.com](#)



000

James Rickards, em livro de 2015:
A Vida no Ano de 2024



Nota do autor:

O texto a seguir descreve uma distopia ficcional, como 'Admirável Mundo Novo' e '1984'. Não é uma previsão no sentido analítico, é apenas um alerta com o intuito de incentivar leitores a prestar atenção nas tendências perigosas em curso na sociedade.

Hoje, 13 de outubro de 2024, acordei de um sonho estranho e percebi que o sensor implantado em meu braço já estava em funcionamento. Ele é chamado de "bug", pois é do tamanho de um inseto. Cidadãos americanos foram obrigados a implantá-lo em 2022 para ter acesso ao sistema de saúde do governo.

Por causa do monitoramento biométrico de minhas ondas cerebrais e do movimento rápido dos meus olhos, o bug sabia que eu estava prestes a acordar e deu início aos sistemas, incluindo a máquina de café. Podia sentir o cheiro da bebida vindo da cozinha.

As telas dos meus óculos panópticos estavam ligadas e mostravam imagens de líderes mundiais proclamando a boa saúde econômica e a paz mundial. Os cidadãos, eles explicavam, precisavam trabalhar de acordo com o Plano de Crescimento da Nova Ordem Mundial para maximizar a riqueza de todos. Eu sabia que era propaganda, mas não podia ignorá-la. Remover os óculos é suspeito aos olhos do comitê de vigilância do bairro.

O bug do comitê controla todos os canais.

Interesso-me por economia e finanças, como sempre. Avisei às autoridades centrais que sou historiador econômico e tive acesso a arquivos e informações negadas à maioria dos cidadãos - são políticas nacionais de segurança econômica.

Meu trabalho agora é apenas histórico. Os mercados foram abolidos depois do Pânico de 2018, mas essa não era a intenção original. A ideia era fechá-los “temporariamente” para acabar com a histeria coletiva, mas, assim que isso foi feito, ficou claro que seria impossível reabri-los sem desencadear um novo pânico.

(James Rickards)

[O texto cima foi reproduzido do livro de 2015 “A Grande Queda”, de J. Rickards, Agora Financial, LLC, Empiricus Research, SP, Brasil, 282 pp., pp. 1-2.]

000

James Rickards e a Economia da Ética

A Força da Sinceridade Serve Como Vacina Moral Para Preservar a Vida

A transição vivida pela presente civilização planetária ocorre ao mesmo tempo nas diferentes dimensões da realidade. Para compreendê-la melhor, é necessário um enfoque interdisciplinar.

O aspecto econômico da transformação produz dilemas éticos e percepções teosóficas. Na medida em que as visões dominantes da sociedade são materialistas, a “luta pela sobrevivência” influencia, poderosamente, a substância do carma que vai sendo acumulado.

Os economistas convencionais têm, com frequência, uma visão estreita. O autor de best-sellers James Rickards ajuda a desmascarar o mundo ilusório da chamada ‘*ciência econômica*’ de hoje.

[Clique para ver o artigo completo](#)

000

O Templo Mais Importante Está na Alma de Cada Um



Só a sempre desconhecida e incognoscível *Karana*, a causa *sem causa* de todas as causas, deve ter o seu santuário e o seu altar no chão sagrado e jamais pisado do nosso coração - invisível, intangível, não-mencionada exceto através da “pequena voz silenciosa” da nossa consciência espiritual.

Aqueles que adoram neste santuário devem fazê-lo em silêncio e na solidão santificada das suas Almas [1]; cada um deve fazer do seu espírito o único mediador entre ele e o *Espírito Universal*; as suas boas ações, os únicos sacerdotes; e as suas intenções pecaminosas as únicas vítimas sacrificiais visíveis e objetivas oferecidas à *Presença*.

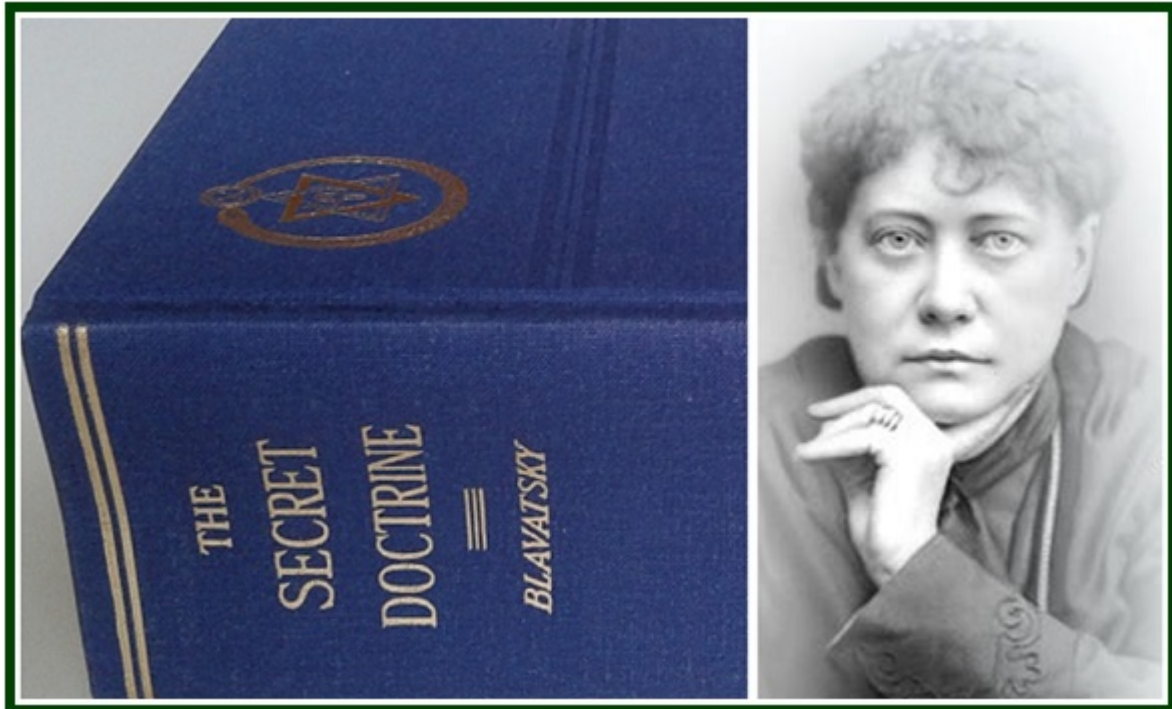
(Helena P. Blavatsky)

NOTA:

[1] “...Quando orares, não sejas como os hipócritas (.....) mas entra no *teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em segredo*” (Mateus, 6). Nosso Pai está *dentro de nós* “em Segredo”, o nosso sétimo princípio está na “câmara interior” da percepção da nossa Alma. “O Reino do Céu” e de Deus “está dentro de nós”, diz Jesus, e não *fora*. Por que os cristãos são tão absolutamente cegos ao significado autoevidente das palavras de sabedoria que eles gostam de repetir de modo mecânico? (Nota de H.P. Blavatsky)

[O trecho acima foi traduzido de “[The Secret Doctrine, Volume I](#)”, p. 280.]

Helena Blavatsky e a Linguagem Universal Antiga



Recentes descobertas feitas por grandes matemáticos e Cabalistas provam (...) que todas as teologias, desde a primeira e mais antiga até a mais recente, surgiram não só de uma fonte comum de crenças abstratas, mas de uma linguagem universal dos “Mistérios”, ou esotérica. Estes eruditos detêm a chave da antiga linguagem universal, e a fizeram girar com êxito, embora apenas *uma vez*, na porta hermeticamente fechada que dá para o Salão dos Mistérios.

O grande sistema arcaico, conhecido desde eras pré-históricas como a Ciência-Sabedoria sagrada, a qual está contida e pode ser identificada em toda religião velha assim como em toda religião nova, tinha, e ainda tem, a sua língua ou linguagem universal - de cuja existência o maçom Ragon suspeitava - a língua ou linguagem dos Hierofantes, que tem sete “dialetos”, digamos assim, sendo que cada um deles corresponde a, ou está especialmente relacionado com, um dos sete mistérios da Natureza. Cada um deles tinha o seu próprio simbolismo. A Natureza podia assim ser lida na sua totalidade, ou desde um dos seus aspectos especiais.

A prova disso está, até hoje, na extrema dificuldade que os orientalistas em geral, e mais especialmente os pesquisadores sobre a Índia e os egiptólogos, enfrentam ao interpretar os escritos alegóricos dos Árias e os escritos hieráticos do antigo Egito. Isso ocorre porque eles jamais lembrarão que todos os escritos antigos foram escritos em uma linguagem que era universal e conhecida igualmente por todas as nações nos dias de antigamente, mas que hoje só é inteligível para os poucos. Assim como os algarismos arábicos, que são claros para um homem de qualquer nação, ou como a palavra inglesa *and*, que se torna *et* para o francês, *und* para o alemão e assim sucessivamente, porém pode ser expressada para todos os povos pelo simples signo *&*, assim também todas as palavras daquela linguagem dos mistérios significavam a mesma coisa para todos seres humanos de qualquer nacionalidade. Vários homens notáveis têm feito tentativas de restabelecer esta língua universal e *filosófica*;

Delgarme, Wilkins, Leibnitz; mas Demaimieux, em sua *Pasigraphie* [1], é o único que provou a sua possibilidade. O esquema de Valentinus, chamado de “Cabala grega”, baseado na combinação de letras gregas, poderia servir como um modelo.

(Helena P. Blavatsky)

NOTA:

[1] Pasigraphie - pasigrafia em português. A Wikipédia em inglês explica que a palavra tem origem grega e significa literalmente “escrever para todos”. Pasigrafia é um sistema de escrita em que cada símbolo representa um conceito, ao invés de uma palavra ou um som, como ocorre numa língua falada. O objetivo é ser inteligível para pessoas de todas as línguas, assim como o são, por exemplo, os algarismos arábicos. (CCA)

[Traduzido de “[The Secret Doctrine, Volume I](#)”, p. 310.]

A Vida Como Um Processo Alquímico Há Uma Lei que Manda Rejeitar a Falsidade



Um forno alquímico medieval

Cada organismo deve fazer uma constante seleção dos elementos nutrientes que recebe. Precisa absorver e processar aqueles que são úteis, mandando-os através do sangue para todas as células vivas, enquanto rejeita os elementos que são inúteis, ou que deixaram de ter utilidade.

Um corpo humano é uma operação alquímica altamente complexa. Ela só pode acontecer em um nível específico de temperatura. O seu forno tem que ser alimentado com regularidade de modo que o fogo sagrado continue sem parar, durante o sono e durante as horas de vigília.

Desde que o corpo nasce, a alma é alimentada com elementos úteis e elementos inúteis, e energias nocivas e benéficas. Pouco a pouco o indivíduo deve aprender a defender o seu processo alquímico. Precisa afastar diferentes espécies de perigo e ilusão, e desenvolver o poder da cooperação com outras almas.

Da mesma maneira como o corpo expelle o ar velho que respirou um momento atrás, para inspirar um ar novo e puro através dos seus pulmões, assim também a mente e a alma de cada um precisa rejeitar a cada instante ideias e ações que são falsas e perigosas. Embora este processo seja em grande parte espontâneo, vale a pena expandir a nossa consciência e o nosso exame dele.

Se o corpo não pudesse identificar e expelir substâncias inúteis, ficaria doente. Quando alguém não é capaz de descartar ideias daninhas e conceitos errôneos, a sua alma enfrenta sérias dificuldades.

A mesma regra alquímica rege as associações filosóficas e teosóficas. Para permanecerem internamente vivas, elas precisam saber enfrentar e vencer falsidade; ilusão; ataques disfarçados à verdade; autoengano (individual e coletivo); ignorância coletivamente organizada, e assim por diante.

Se você encontrar alguém que afirma: “a verdade e a ilusão são muito relativas, não podemos julgar” - você deveria saber que este é apenas um Julgamento infeliz, que favorece a Falsidade e a Insinceridade.

Toda decisão depende de um julgamento, ou seja, de uma avaliação, se estivermos falando de seres humanos. A decisão de “não julgar” é apenas uma decisão baseada no falso julgamento segundo o qual a nossa mente e a nossa alma não necessitam ter um sistema imunitário, e a verdade e as mentiras são todas a mesma coisa para o nosso espírito e a nossa obtenção da felicidade. [1]

Assim como o indivíduo, todo grupo humano dotado de um ideal deve saber defender a sua essência de um grande número de armadilhas, inclusive as nações e as associações teosóficas.

Sem disciplina não há felicidade. A indulgência leva à confusão e ao desespero. Uma importante regra da vida afirma:

“É preciso identificar, renunciar e expelir o que não é útil à vida.”

Por causa deste princípio universal, há escolhas difíceis a fazer o tempo todo nos vários níveis da experiência individual e coletiva. Nenhum país, e nenhuma democracia estão acima desta regra.

A Lei que manda rejeitar a falsidade é central na experiência humana devido a um fato muito simples. A Verdade e a Vida nunca ficam distantes uma da outra, porque a verdade está na essência de toda vida.

NOTA:

[1] Veja o artigo “[A Arte de Julgar Pessoas](#)”.

A Lua e o Gato no Egito Antigo



... Quando os egípcios retratavam a Lua como um *gato*, eles não eram tão ignorantes a ponto de supor que a Lua fosse um gato; e tampouco as fantasias desorientadas deles viam qualquer semelhança entre a Lua e um gato; nem tampouco era - um mito de gato - *apenas alguma expansão de uma metáfora verbal*, e nem sequer eles tinham qualquer intenção de criar enigmas ou quebra-cabeças

Eles haviam observado o simples fato de que o gato vê no escuro, que os olhos dele se tornam totalmente redondos e ficam luminosos ao extremo à noite. A Lua era o *vidente* durante a noite no céu, e o gato era o seu equivalente na Terra; e assim o familiar gato foi adotado como um representante, um símbolo natural, um pictograma vivo do orbe lunar

E disso se seguiu que o Sol, que via no submundo inferior durante a noite, também podia ser chamado de gato, na verdade, porque *ele também via* no escuro.

(Gerald Massey)

[Traduzido por CCA de "[The Secret Doctrine, Volume I](#)", Helena Blavatsky, página 304.]

000

O Círculo de Estudo Sobre Discipulado

Uma Ferramenta Para Acelerar a Aprendizagem da Alma

A porta para o discipulado formal junto aos Mestres de Sabedoria está fechada desde a década de 1890. No entanto, sabe-se que o discipulado ou aprendizado leigo, informal, que ocorre por afinidade no plano da alma, é sempre possível em qualquer tempo ou circunstância, desde pelo menos a época de Buddha, Pitágoras, Confúcio e Laotse.

[Clique para Ler Mais](#)

000

A Construção de uma Vontade Forte



Em relação ao tema da vontade individual e de como fortalecê-la, o primeiro passo é saber *que tipo de vontade* se deseja fortalecer.

A vontade do eu inferior é tão estreita quanto a sua visão da vida. Deixada por si mesma, a personalidade do indivíduo deseja apenas coisas ilusórias. O eu inferior é egoísta, enxerga mal e é incoerente, se estiver isolado dos níveis superiores de percepção da vida. Os seus objetivos mudam de acordo com o vento. Enquanto ele for cego para as situações mais amplas e transcendentais, buscará beneficiar-se a si mesmo mais do que beneficiar os outros, e tratará de parecer melhor e mais digno de aplauso do que os seus semelhantes.

O estudo da teosofia clássica, no entanto, salva lentamente o eu inferior da doença narcisística.

Através da filosofia esotérica o ser humano conhece a vontade universal, que é a vontade do eu superior, a vontade impessoal de fazer o bem e cooperar com a lei do Cosmo. Nestas condições o indivíduo compreende Lucas 22:42, cujas palavras são dirigidas ao “Pai” ou eu superior:

“Não seja feita a minha vontade, mas a tua.”

E estas palavras significam:

“Eu quero a realidade, não a ilusão. Que a minha *verdadeira Vontade* seja feita, e não a vontade do que é enganoso em minha mente.”

E este é o caminho para a bem-aventurança. Uma vez que o estudante compreende pelo autoexame que o tipo de vontade que tem é impessoal, que ela é *suficientemente universal* e portanto *merece* ser fortalecida, então estas palavras de Sydney B. Flower passam a ser úteis:

“Uma vontade treinada é a base de todo esforço humano bem-sucedido, e, para colocar a questão em poucas palavras aqui e agora (...), a Vontade é construída de uma maneira, e de uma só maneira, isto é, fazendo com que você mesmo faça algo que você não gostaria de fazer. A Vontade não é construída nem desenvolvida de nenhuma outra maneira. Este é o ponto básico. Esta é a raiz da lei geral do Sucesso.”

A vitória depende de confrontar obstáculos:

“A Vontade não é construída exceto compelindo você mesmo a fazer algo que você evita fazer, o que implica também o seu reverso, de compelir você mesmo a não fazer alguma coisa que você quer fazer.” [1]

Ou melhor: você deve obrigar a si mesmo a fazer algo que *a energia do egoísmo e da preguiça* em você não quer que você faça.

Não é você que *foge* do seu dever espiritual, mas a ignorância em você que faz isso. Em uma comunidade, assim como em um indivíduo, se a substância da vontade é correta, então ela merece ser fortalecida.

Sydney Flower diz:

“Uma vontade forte significa, em primeiro lugar, o poder do pensamento concentrado sobre um assunto qualquer, o que implica, por sua vez, o poder da concentração sustentável sobre qualquer assunto, independentemente dos obstáculos. Os desafios podem ser apresentados por você mesmo ou por outrem. Eles podem atacar a sua atenção desde dentro ou de fora, assumindo muitas formas, como persuasão, ameaças, ordens; mas quando se defrontam com a força de vontade natural do ser humano normal tudo isso cai para trás, é expulsado e recua como uma onda do mar recua após gastar sua força contra uma rocha.” [2]

Pelo estudo de “[A Doutrina Secreta](#)” e de outras obras de filosofia universal altruísta podemos alinhar nossa pequena vontade pessoal com a vontade universal da Natureza.

O poder maior de uma gota d’água, numa praia qualquer, está no fato de que ela tem a mesma natureza do oceano.

O estudo da teosofia e da filosofia clássicas torna possível ao ser humano participar da vontade da lei universal. Ser uma parte consciente da vontade do cosmo é a melhor maneira de aumentar a nossa própria e pequena força de vontade.

NOTAS:

[1] Ver “Will-Power”, de Sydney B. Flower, 1921, New Thought Book Department, Chicago, Illinois, EUA, 89 pp., ver pp. 8-9.

[2] “Will Power”, de Sydney B. Flower, 1921, New Thought Book Department, Chicago, EUA, p. 11.

000

Leia mais: --- * [“Para Fortalecer a Vontade”](#) --- * [“O Despertar da Vontade”](#)
 --- * [“O Poder da Vontade Espiritual”](#) --- * [“A Vontade de Avançar”](#)
 --- * [“Fortalecendo a Vontade Espiritual”](#) --- * [“O Poder da Boa Vontade”](#).

000

A Doutrina Secreta: **O Ciclo das Iniciações e o Tabernáculo de Moisés**



[*Os egípcios antigos*] tinham este conhecimento [*astronômico oculto*]; e este “conhecimento” estava na base do programa dos MISTÉRIOS e da série de Iniciações; por isso foi feita a construção das Pirâmides, um registro duradouro e um símbolo indestrutível destes Mistérios e Iniciações na Terra, assim como o curso das estrelas o é no Céu. O ciclo de Iniciação era uma reprodução em miniatura daquela grande série de mudanças Cósmicas a que os astrônomos têm dado o nome de ano tropical ou sideral. Assim como, no final do ciclo de um ano sideral (25.868 anos), os corpos celestes retornam às mesmas posições relativas que ocupavam no seu início, assim também, ao final do ciclo da Iniciação, o homem interno recupera o estado prístino de pureza e conhecimento divinos a partir do qual ele iniciou o seu ciclo de encarnação terrestre.

Moisés, um iniciado na Mistagogia Egípcia, baseou os mistérios religiosos da nova nação criada por ele sobre a mesma fórmula abstrata derivada deste ciclo sideral. Ele simbolizou o ciclo na forma e nas medidas do tabernáculo, que se supõe que ele tenha construído no ambiente natural. Com base nestes dados, os Sumos-sacerdotes judeus posteriores

construíram a alegoria do Templo de Salomão - um edifício que nunca existiu realmente assim como o próprio Rei Salomão, que é simplesmente um mito solar, tanto quanto, mais tarde, Hiram Abif, dos maçons, segundo Ragon demonstrou bastante bem. Assim, se as medidas deste templo alegórico, o símbolo do ciclo da iniciação, coincidem com as da Grande Pirâmide, isso se deve ao fato de que as medidas do templo foram tiradas das medidas da Pirâmide através do Tabernáculo de Moisés.

(Helena Blavatsky)

000

Traduzido por CCA de "[The Secret Doctrine, Volume I](#)", Helena Blavatsky, pp. 314-315.

000

Os Mestres, Blavatsky e o Século 21

Teosofia Original Destaca a Responsabilidade do Movimento Esotérico Perante a Crise do Ocidente



A humanidade vive um momento de ruptura e transformação nas *bases* do seu processo civilizatório. O momento atual é simultaneamente perigoso e abençoado.

Para examinar este instante da História, pretendo considerar inicialmente algumas passagens de cartas dos Mestres que mostram como os grandes sábios veem o processo das rupturas dolorosas da rotina materialista, em civilizações que - bem antes disso - perderam o rumo da ética. Depois, veremos algo do que Blavatsky diz a respeito.

1. Calamidades Podem ser uma Bênção

A teosofia afirma que as grandes catástrofes não são fatos isolados, mas estão ligadas à lei do carma e a expressam. Onde estes eventos de grande porte causam injustiças específicas devido ao seu caráter coletivo aparentemente cego, os desequilíbrios de cada caso são generosamente compensados de acordo com a lei.

Diz o Mestre, referindo-se à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir nos anos de 1890:

“... Os males aparentemente reais, evanescentes e passageiros que as leis produzem são tão necessários ao crescimento, ao progresso e ao estabelecimento final da sua pequena Sociedade Teos. quanto os cataclismos da natureza, que frequentemente dizimam populações inteiras, são necessários para a humanidade. Como todos sabem, um terremoto pode ser uma bênção, e a forte onda produzida por um maremoto ou furacão pode ser a salvação dos muitos, à custa dos poucos.” [1]

2. Afastando o Medo Supersticioso da Morte

O Raja-Iogue afirma que a chamada “luta pela vida” é um grande obstáculo à evolução do espírito:

“...Como iremos lidar com o restante da humanidade, em meio à maldição conhecida como ‘luta pela vida’, que é a real e mais prolífica causa da maioria das desgraças e tristezas e de todos os crimes? Por que esta luta teve que tornar-se o esquema quase universal do universo? Nós respondemos: porque nenhuma religião, com exceção do Budismo, ensinou até agora um desapego prático por essa vida mundana, enquanto cada uma delas - sempre com aquela única e solitária exceção - através de seus infernos e danações, inculcou o maior pavor em relação à morte.”

É importante ter em consideração o fato de que neste trecho o mestre se refere ao budismo clássico, oriental, e não ao falso budismo que se vê hoje no Ocidente e que ama sobretudo o dinheiro.

Com suas imagens fantasiosas do inferno e a sua negação do processo da reencarnação da alma, o cristianismo do Vaticano exagerou a importância do aspecto físico da vida, e alimentou um medo supersticioso da morte:

“Por isso nós encontramos, de fato, esta luta pela vida imperando mais violentamente nos países cristãos, prevalecendo especialmente na Europa e na América. Ela é mais fraca nas terras pagãs e praticamente desconhecida entre as populações budistas. (Na China, durante um período de fome, onde as massas são mais ignorantes em relação a sua própria religião ou a qualquer outra, foi notável o fato de que aquelas mães que devoraram seus filhos pertencessem às localidades onde se encontrava a maior quantidade de missionários cristãos; onde não havia nenhum deles e apenas os bonzos possuíam a terra, a população morria com o máximo de indiferença). Ensine-se ao povo a ver que a vida nesta Terra, mesmo a mais feliz, é apenas um fardo e uma ilusão, que apenas o nosso próprio *karma*, a causa que produz um efeito, é nosso próprio juiz, - nosso salvador em vidas futuras - e a grande luta pela vida em breve perderá sua intensidade.” [2]

Aceitando a morte como a conclusão natural de uma vida física, podemos viver mais e melhor, livres do pavor do fim. A consciência da lei da reencarnação permite esta tranquilidade. A morte física é apenas o final de uma etapa. A compreensão de que também as civilizações chegam gradualmente a seu fim é outro fator que permite evitar sofrimento desnecessário.

3. Interrompendo o Erro Mais Grave

O propósito da vida e das civilizações é facilitar o crescimento da alma. Quando uma civilização se distancia demasiado do mundo da alma espiritual, ela deixa de cumprir sua função - e desaparece.

A Terra tem vários níveis de consciência, e a vida geológica do planeta avança em conjunto com a evolução psicológica, social, econômica e espiritual da humanidade. Há momentos de expansão e de retração, ou escurecimento, na história do nosso planeta. As mudanças geológicas estão ligadas à evolução moral.

O Mestre afirma:

“A aproximação de cada novo ‘obscurecimento’ é sempre assinalada por cataclismos - de fogo ou de água. (...) Assim, havendo atingido o ápice do seu desenvolvimento e glória, a quarta Raça, dos atlantes, foi destruída *por água*; você encontra hoje apenas seus remanescentes decadentes e caídos, cujas sub-raças, no entanto - ah, cada uma delas teve seus dias prósperos, gloriosos e de relativa grandeza. O que elas são agora - vocês serão algum dia, porque a lei dos ciclos é única e imutável.”

O sábio prossegue:

“Quando a sua raça - a quinta - houver alcançado o seu zênite de intelectualidade *física*, e desenvolvido a civilização mais elevada (lembre da diferença que nós estabelecemos entre civilizações *físicas* e *espirituais*), incapaz de elevar-se em mais nada em seu próprio ciclo, seu avanço em direção ao mal absoluto será interrompido (como seus antecessores, os lemurianos e atlantes, foram interrompidos em sua marcha no mesmo rumo) por uma destas mudanças cataclísmicas; sua grande civilização será destruída (...).” [3]

Civilizações nascem, civilizações morrem. As almas humanas evoluem sempre para o melhor.

É correto perguntar-nos qual é o futuro próximo da civilização atual, mas devemos evitar a pretensão de ter respostas rápidas. Uma pergunta que faça pensar e amplie a nossa visão é melhor do que uma resposta baseada na preguiça mental, no fatalismo, ou no medo de encarar de frente a incerteza.

Cabe ficar atentos, livres de pressa. Os fatos não são tridimensionais. As imagens-sementes dos acontecimentos futuros estão suspensas na atmosfera sutil que nos rodeia: não se pode prever que forma exata eles irão tomar, ou que dia ocorrerão. O futuro que ainda não ocorreu pode ser alterado, conforme ensina Patañjali. O futuro é plástico, maleável. Em função disso os teosofistas têm um dever a cumprir e uma responsabilidade prática.

4. Um Convite à Ação Criadora

Está chegando o momento de as pessoas de boa vontade compreenderem existencialmente o aspecto dinâmico e criador dos ensinamentos teosóficos.

No parágrafo final de “A Chave da Teosofia” Helena Blavatsky escreveu que se durante o século 20 o movimento teosófico fosse leal à verdade, o mundo seria um paraíso no século 21:

“...Diga-me se sou demasiado exagerada quando digo que se a Sociedade Teosófica sobrevive e se mantém fiel a sua missão e a seus primitivos impulsos, através dos próximos cem anos; diga-me, repito, se vou demasiado longe ao afirmar que a Terra, no século 21, será um paraíso em comparação com o que é agora.” [4]

Não foi a única vez que ela abordou a questão.

No início dos anos 1890, três semanas antes de morrer, Blavatsky escreveu em carta dirigida aos teosofistas norte-americanos:

“... Cada desejo e pensamento que eu emito são resumidos nesta única sentença, no desejo incessante do meu coração: ‘sejam teosofistas, trabalhem pela teosofia’! A teosofia primeiro e a teosofia por último; porque só a sua compreensão *prática* pode salvar o mundo ocidental do sentimento egoísta e antifraterno que agora divide uma raça da outra, uma nação da outra; e daquele ódio de classe e daquelas ideias sociais que são a maldição e a desgraça dos chamados povos cristãos. Só a teosofia pode evitar que eles se afundem inteiramente naquele materialismo meramente luxurioso no qual eles vão decair e apodrecer tal como as civilizações têm feito. Nas mãos de vocês, irmãos, está colocado em confiança o bem-estar do próximo século; e embora seja grande a confiança, igualmente grande é também a responsabilidade.”[5]

O que aconteceu quando Blavatsky deixou a vida física?

A Sociedade Teosófica abandonou os ensinamentos originais e esqueceu o projeto de esforço pela humanidade. Os seus líderes priorizaram a luta pelo poder. A lealdade brilhou pela sua ausência. O movimento fragmentou-se. Os teosofistas falharam. Porém, mesmo sendo enorme, o fracasso não foi total.

Ao invés de manter-se erguido de modo a apontar o caminho para um Carma Humano Melhor, o movimento teosófico caiu no mundo da ilusão. Faltou uma alternativa para a fragilidade ética dos humanos. Como consequência deste e de outros fatores, o século 20 foi marcado por guerras, injustiças, racismo, corrida armamentista, produção de armas nucleares e violência em geral. O “núcleo teosófico de fraternidade universal” não resistiu à força da ignorância. Mesmo no seu fracasso, algo foi feito. Não houve guerra nuclear mundial, por exemplo. A humanidade sobreviveu.

Na primeira metade do século 21, a situação humana é extremamente complexa. Há claros perigos. Cabe dar uma direção mais definida ao processo. A Terra pode transformar-se em um paraíso, mas antes disso será preciso enfrentar mais de uma crise em escala planetária - começando pela falta de ética e honestidade, cuja solução precisa começar na vida de cada cidadão.

5. A Vitória no Século 21, Apesar de Tudo

A verdade é que alguns poucos setores do movimento permaneceram leais ao ensinamento. A partir deles podemos agir. Muitos esoteristas e cidadãos de boa vontade que não pertencem ao movimento são intensamente dedicados ao ideal de progresso e aperfeiçoamento humanos.

Cabe lutar e vencer. Uma vida correta é a vitória diária que todos podemos alcançar. Podemos fazer o que está ao nosso alcance, como ensina Epicteto. E devemos lembrar que, até poucos minutos antes do amanhecer, a escuridão da noite é completa. Seja qual for o preço a pagar, nada atrasará o nascer do Sol. Helena anunciou a vitória seja quais forem as circunstâncias:

“...O erro é poderoso apenas na superfície, porque a Natureza Oculta o impede de tornar-se profundo”, disse ela. E prosseguiu:

“A Natureza Oculta rodeia o globo inteiro em todas as direções, e não deixa sem vigilância nem sequer o canto mais escuro. Seja por fenômeno ou por milagre, seja desta ou daquela maneira, de um jeito ou de outro o Ocultismo irá vencer a batalha antes que a era atual complete o tríplice setenário de Sani (Saturno) no ciclo ocidental europeu; em outras palavras - antes do final do século 21, da ‘era cristã’.” [6]

A essência das coisas transcende a forma externa.

A presença divina junto a nós é a presença da nossa própria alma espiritual. Está ao nosso alcance fazer o que a nossa aptidão permite. A forma mais eficiente de *prever o futuro* é plantar um porvir saudável, que florescerá no momento certo do século em que vivemos.

(CCA)

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, Carta 134, volume II, p. 299.

[2] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Editora Teosófica, Brasília, primeira série, Carta 01, pp. 19-20.

[3] “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Vol. II, Carta 93 B, p. 120. O sublinhado na citação é meu.

[4] Veja as páginas 281-282 do livro “[A Chave da Teosofia](#)”, de Helena Blavatsky.

[5] O trecho está na página 31 do livreto “[Five Messages](#)”, de H.P. Blavatsky.

[6] “Collected Writings”, H.P. Blavatsky, TPH, Índia-EUA, volume XIV, p. 27. O trecho está citado também no artigo “[O Lado Luminoso de Saturno](#)”.

000

Aproveite para meditar pelo bem do Brasil:



<https://www.change.org/MeditandoPeloBrasil>

000

A Musa do Céu - 01

Sonho da Adolescência

Camille Flammarion



No centro da imagem, a deusa Urânia, musa da Astronomia e da Astrologia: visão parcial de uma estátua em relógio pendular de Eugène Farcot, produzido em 1862

000

Camille Flammarion (1842-1925) foi espírita e membro do movimento teosófico enquanto Helena Blavatsky vivia. Seus escritos são elogiados em uma das Cartas dos Mahatmas.

000

Parte I SONHO DA ADOLESCÊNCIA

Eu contava dezessete primaveras de idade. Ela se chamava Urânia.

Urânia era acaso alguma jovem loura de olhos azuis, um sonho de primavera, inocente, mas curiosa filha de Eva? Não, era simplesmente, tal qual outrora, uma das nove Musas, a que presidia à Astronomia, e cujo olhar celeste animava e dirigia o coro das esferas; era a ideia angélica que paira por sobre os erros terrestres; não possuía nem a carne perturbadora, nem o

coração cujas palpitações se transmitem a distância, nem o tépido calor da vida humana; mas existia, entretanto, em uma espécie de mundo ideal, superior e sempre puro, e todavia era bastante humana, pelo nome, e pela forma, para produzir na alma de um adolescente impressão viva e profunda, para fazer nascer nessa alma um sentimento indefinido, indefinível, de admiração e quase de amor.

O jovem cuja mão não tocou ainda o fruto divino da árvore do Paraíso e cujos lábios se conservaram ignorantes, cujo coração ainda não falou, cujos sentidos despertam em meio do vago de novas aspirações, esse presente, nas horas de solidão, e mesmo através dos trabalhos intelectuais com que a educação contemporânea lhe sobrecarrega o cérebro, o culto a que deverá bem depressa render sacrifícios, e personifica de antemão sob várias formas o ente sedutor que flutua na atmosfera dos seus sonhos. Quer, deseja alcançar esse ente desconhecido, mas não o ousa ainda, e talvez não o ousasse jamais, na candura de sua admiração, se algum avanço caridoso não lhe viesse em auxílio. Se Cloé não é instruída, cumpre que a indiscreta e curiosa Licênia se incumba de instruir Dafnes.

Tudo quanto nos fala da atração ainda desconhecida pode encantar-nos, impressionar-nos, seduzir-nos. Uma fria gravura, mostrando o oval de um puro semblante, uma pintura, mesmo antiga, uma escultura - principalmente uma escultura - desperta um movimento novo nos corações, o sangue se precipita ou detém, a ideia nos atravessa qual relâmpago a fronte enrubescida, e permanece flutuante em nosso espírito sonhador. É o começo dos desejos, é o prelúdio da vida, é a aurora de um belo dia de estio anunciando o nascer do Sol.

Pelo que me toca, o meu primeiro amor, a minha adolescente paixão tinha, não por objeto seguramente, mas por causa determinante... uma Pêndula!... É demasiado extravagante, mas é assim. Cálculos muito insípidos ocupavam minhas tardes todas, das duas às quatro horas: tratava-se de corrigir as observações de estrelas ou de planetas feitas na noite antecedente, aplicando-lhes as reduções provenientes da refração atmosférica, a qual depende também da altura do barômetro e da temperatura. Esses cálculos são tão simples quanto fastidiosos; são feitos maquinalmente, com o auxílio de tabelas preparadas, e pensando inteiramente em outra coisa.

O ilustre Le Verrier era então Diretor do Observatório de Paris. Nada artista, possuía, entretanto, no seu gabinete de trabalho, uma pêndula de bronze dourado, de muito belo estilo, datando do fim do primeiro Império e devida ao cinzel de Pradier. O soco dessa pêndula representava, em baixo-relevo, o nascimento da Astronomia nas planuras do Egito. Uma esfera celeste maciça, cingida do círculo zodiacal, sustentada por esfinges, dominava o mostrador. Deuses egípcios ornavam os lados. Mas a beleza dessa obra artística consistia, principalmente, em uma sedutora estatueta de Urânia, nobre, elegante, diria quase majestosa.

A Musa Celeste estava de pé. Com a mão direita media, por meio de um compasso, os graus da esfera estrelada; a esquerda, caindo, empunhava pequena luneta astronômica. Soberbamente panejada, dominava na atitude da majestade e da grandeza. Eu não tinha visto ainda semblante mais belo do que o seu. Iluminado de frente, esse puro semblante se mostrava austero e grave. Se a luz descia oblíqua, tornava-se ele meditativo. Se, porém, a luz vinha do alto e de lado, esse rosto encantado se iluminava de misterioso sorriso, o olhar se lhe tornava quase carinhoso, e essa esquisita serenidade se transformava subitamente em uma expressão de alegria, de amenidade e de ventura, que se tinha prazer em contemplar. Era como que um cântico interior, uma poética melodia. Essas mudanças de expressão faziam verdadeiramente a estátua viver. Musa ou deusa, era bela, era sedutora, era admirável. Cada

vez que me chamavam para junto do eminente matemático, não era a sua glória universal que me impressionava mais.

Eu esquecia as fórmulas de logaritmos, e mesmo a imortal descoberta da obra de Pradier. Aquele belo corpo, tão admiravelmente modelado sob a sua antiga vestimenta, o gracioso ligamento do pescoço, aquela figura expressiva, atraíam meus olhares e cativavam meu pensamento. Muitas vezes, quando às quatro horas deixávamos o gabinete para reentrar em Paris, eu espreitava pela entreabertura da porta a ausência do diretor.

Às segundas e às quartas-feiras eram os melhores dias; aquelas, por motivo das sessões do Instituto, a que ele quase nunca faltava, ainda que a elas assistisse sempre com ar desdenhoso; as outras, por causa das do Gabinete das longitudes, a que ele fugia com o mais profundo menosprezo, e que o faziam deixar o Observatório expressamente para melhor acentuar o seu desprezo. Então, eu me colocava bem defronte da minha querida Urânia, contemplava-a à minha vontade, extasiava-me com a beleza de suas formas, e retirava-me mais satisfeito, porém não mais feliz. Ela me encantava, mas me deixava saudades.

Certa noite, a noite em que lhe descobri as mudanças de fisionomia conforme a luz, tinha achado o gabinete inteiramente aberto, uma lâmpada posta sobre a chaminé e iluminando a Musa sob um dos aspectos mais sedutores. A luz oblíqua acariciava docemente a fronte, as faces, os lábios e o colo. A expressão era maravilhosa. Aproximei-me e a contemplei, a princípio imóvel. Acudiu-me depois a ideia de tirar a lâmpada do local onde estava e de projetar a luz sobre as espáduas, sobre o braço, sobre o pescoço, sobre os cabelos. A estátua parecia viver, pensar, despertar e até sorrir. Sensação esquisita, sentimento estranho, eu estava verdadeiramente cativo; de admirador, eu me tornara enamorado. Muito me haveriam surpreendido então se houvessem afirmado que não era esse o verdadeiro amor, e que o meu platonismo era um sonho infantil.

O Diretor chegou, e não pareceu tão admirado da minha presença quanto eu pudera temê-lo (passava-se algumas vezes por aquele gabinete para ir às salas de observação). No momento, porém, em que eu depunha a lâmpada em cima da chaminé: - O senhor está demorando para a observação de Júpiter -, disse-me. E quando eu ia transpondo a porta: - Dar-se-á o caso que seja poeta? - acrescentou em tom de profundo desdém, demorando longamente na penúltima sílaba.

Teria podido replicar-lhe com o exemplo de Kepler, de Galileu, de d'Alembert, dos dois Herschel, e de outros ilustres sábios, que foram poetas ao mesmo tempo que astrônomos; teria podido avivar-lhe mesmo a lembrança do primeiro Diretor do Observatório, Jean Dominique Cassini, que cantou Urânia em versos latinos, italianos e franceses; mas os alunos do Observatório não tinham o costume de replicar o que quer que fosse ao Senador-Diretor. Os senadores eram então personagens, e o Diretor do Observatório, cargo inamovível. E depois, seguramente, o nosso grande geômetra teria encarado o mais maravilhoso poema de Dante, de Ariosto, ou de Hugo, com o mesmo ar de profundo tédio com que um bonito cão da Terra-Nova olha um copo de vinho que se lhe aproxima ao focinho. Além disso, eu estava incontestavelmente em falta.

Aquela fascinante imagem de Urânia como me perseguia, com todas as suas deliciosas expressões de fisionomia! O seu sorriso era tão gracioso! E depois, seus olhos de bronze tinham às vezes um verdadeiro olhar. Não lhe faltava senão a palavra. Ora, na noite seguinte, apenas adormecido eu revi, diante de mim, a sublime deusa, e desta vez ela me falou.

Oh! estava bem viva. E que linda boca! Eu lhe teria beijado cada palavra... “Vem”, disse-me, “vem ao céu lá em cima, longe da Terra; tu dominarás este baixo mundo; contemplarás o imenso Universo em toda a grandeza. Olha, vê!”

(Continua)

000

Reproduzido do livro “Urânia”, de Camille Flammarion, Federação Espírita Brasileira, tradução de Almerindo Martins de Castro, Copyright 1937, quarta edição, 197 pp., ver pp. 9-14.

000

Leia “[Camille Flammarion e a Defesa de uma Causa](#)”. Em francês, veja um texto de Flammarion sobre os Pralayas: “[L’Origine et la Fin des Mondes](#)”.

000

A Egrégora do E-Grupo SerAtento **Vivenciando Aspectos da Verdade Universal**

A palavra “egrégora” deriva de “egrégores”, que, segundo o Glossário Teosófico são os seres da luz astral cuja função é trazer para o mundo humano a energia das inteligências planetárias superiores. Os egrégores são a projeção da consciência planetária divina no mundo do akasha.

Em meios espíritas e teosóficos, usa-se informalmente a palavra “egrégora” como sinônimo de “aura coletiva”. Considera-se, por exemplo, que um lugar de reuniões teosóficas possui uma “egrégora”, uma “atmosfera” especial criada por aquela atividade regular no local.

O e-grupo **SerAtento** pode ser visto como uma egrégora ou campo energético que rodeia um ideal e um saber filosófico de caráter planetário.

Enxergando o SerAtento como um processo vivo, é possível investigar em que plano da realidade ele existe, já que sua atividade não ocorre exatamente no plano físico.

O SerAtento não é apenas intelectual. Não é feito só de palavras. Seu processo dinâmico ocorre na luz astral, mas se desdobra em sete níveis de consciência. Ele é como um templo sutil. Ele funciona como uma sala de reuniões teosóficas. Ele é um exercício constante da Prática da Presença Sagrada. Visto como um espaço de trabalho, o **SerAtento** é um lugar real, mas não é físico. Ele é mais real, talvez, do que uma sala de quatro paredes feitas de tijolos. O SerAtento é um prédio construído com pensamentos.

[Clique para continuar a leitura](#)

000

Ideias ao Longo do Caminho

Clareza de Visão Permite Ver a Diferença Entre o Certo e o Errado



* A disciplina diária é o alicerce externo da decisão de viver corretamente. Desde este ponto de vista, fica mais fácil olhar com lucidez para o mundo ao redor.

* Discernimento produz discernimento, e ilusão gera ilusão. Cada ação equilibrada cria novas oportunidades para um comportamento sensato.

* O bom senso abre caminho para a constante harmonização de todas as coisas. Uma lucidez básica permite enfrentar serenamente aquilo que não pode ser harmonizado no curto prazo.

* A paz interior não depende de ter os nossos desejos atendidos, mas surge naturalmente quando desenvolvemos o bom senso.

* Individual e coletivamente, a atitude negativa resulta do exagero dos desejos pessoais. Quem não tem expectativas exageradas, não conhece o problema do desânimo. Por outro lado, o sentimento de paz com a nossa consciência produz um bem-estar que torna mais agradáveis os diversos aspectos da vida.

* O aprendiz sensato desapega-se de tudo o que é negativo e desenvolve o contentamento. Ao mesmo tempo, exerce o espírito crítico e a capacidade de ver, com rigor, a diferença entre o certo e o errado. A autoconfiança expressa o fato de que tem energia suficiente para corrigir os erros.

